RESUMO: O presente artigo objetiva clarificar, em linhas gerais, as principais diferenças entre a semiótica de Peirce e a semiologia de Saussure, assim como apontar as possíveis vantagens e desvantagens de cada uma das abordagens para estudos atuais da significação e da comunicação, levando em conta principalmente a questão do sujeito da semiose.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Semiologia. Significação. Comunicação. Peirce. Saussure.

Semiótica foi o nome que o filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) utilizou para designar e divulgar a doutrina, ou campo de pesquisa, que estuda os processos mentais que sustentam o conhecimento e o comportamento humano. Como observa o lingüista Roman Jakobson, o termo já era bem conhecido em círculos filosóficos do século passado, tendo sido popularizado pelo filósofo inglês John Locke em seu trabalho *An essay concerning human understanding* publicado em 1690. Segundo Locke, a comunicação e a cognição humana se fazem através de elementos básicos, os signos, que representariam idéias, sendo as palavras exemplos típicos de *signos de idéias*.

FLÁVIO
VINÍCIUS
CAUDURO

Semiótica e semiologia: contrastes

Semiótica foi como Locke então chamou aquela futura "doutrina de signos" que se dedicaria a estudar "os maiores instrumentos de cognição". (vide JAKOBSON, 1974/1979:3).

Peirce foi, sem dúvida, influenciado por Locke, e por várias vezes se refere a este em seus escritos (como em PEIRCE, 1940/1955, p. 158, 242, 269, e em PEIRCE, 1958/1966, p. 7, 63, 73, 297). Por isso, não admira que Peirce utilize a palavra *semiótica* para descrever a sua própria teoria dos signos, que ele também caracterizou, inicialmente, como uma doutrina. Ao final de sua vida, porém, Peirce adotaria uma perspectiva diferente da de Locke, ao considerar a semiótica simplesmente como um campo de inquisição científica, devido à abordagem pragmática (probabilística) que ele desenvolvera em relação aos signos e à significação.

Com efeito, os escritos de Peirce revelam que suas concepções mudavam (ou evoluíam) com frequência, devido à sua procura incessante por uma teoria coerente mas flexível sobre o papel dos signos no pensar humano. Talvez devido a essas constantes revisões, e ao grande número de seus manuscritos, a obra de Peirce nunca foi muito influente entre os acadêmicos europeus, que preferem focar a semiótica a partir de teorias estruturalistas e pósestruturalistas da significação que derivam do suscito *Curso de lingüística geral* de Ferdinand de Saussure. (SAUSSURE, 1916/1974).

Como Ducrot & Todorov (1973/1979, p. 85) entre outros notaram, Peirce nunca conseguiu realmente resumir suas teorias num só trabalho,

que sumarizasse coerentemente os princípios maiores e definitivos de sua semiótica. Mesmo assim, e talvez por isso mesmo, como observa Silverman (1983, p. 19), suas reflexões continuam sendo bastante relevantes para a semiótica contemporânea, ao enfatizarem a instabilidade do sujeito na produção do sentido, algo que o estruturalismo e muitas tantas teorias formais da significação procuram reprimir.

O projeto semiótico de Peirce era muito ambicioso, pois chamava a si a investigação de todos os tipos de fenômenos significantes, tais como batidas na porta, gritos, movimentos, pinturas, notações musicais, silogismos, equações algébricas, diagramas, emblemas, meditações, etc., pois a semiótica de Peirce, em seus princípios gerais, se propunha abrangente, aplicável ao estudo da significação baseada em qualquer tipo de signo, inclusive aqueles de natureza lingüística. (JAKOBSON, 1974/1979).

Para o lingüista genebrino Ferdinand de Saussure (1857-1913), por sua vez, uma ciência que estudasse a vida dos signos na sociedade era desde há muito necessária, já tendo seu lugar reservado no campo de psicologia; deveria chamar-se *semiologia* (do grego *semeion*, signo), e englobaria o estudo da linguagem assim como de outros sistemas de comunicação, como a escrita, o alfabeto dos surdo-mudos, ritos simbólicos, fórmulas de etiqueta, sinais militares, etc. Mas a linguagem verbal era para ele o mais importante de todos esses sistemas de signos. (SAUSSURE, 1916/1974, p. 16).

Saussure postulava a existência de sistemas fechados e pré-codificados de

signos, estáveis e uniformes, repositórios semióticos compartilhados por "comunidades inteiras de falantes", e que não podiam ser mudados ao bel prazer das partes envolvidas, devido à ação coesiva do tempo aliada a uma "força social". (SAUSSURE, 1916/1974, p. 78).

A *semiótica* de Peirce é muito mais complexa que a *semiologia* de Saussure, pois investiga a *significação*, a produção de sentido por cadeias de signos na mente de sujeitos concretos, enquanto que o projeto de Saussure busca princípios formais e sistemáticos de *comunicação* verbal no âmbito social através de correlações fixas, ideais, e consensuais de significantes-significados. O sentido de qualquer signo, para Saussure está "contido" no significado ou conceito evocado pelo significante - um sentido que é invariavelmente assumido por ele como óbvio, claro e compartilhado igualmente por todos os usuários de um dado sistema semiológico. Para Saussure, a *significação* de qualquer signo não necessitava maiores investigações, era um *fait accompli*. Em compensação, a semiologia de Saussure introduz noções fundamentais como *diferença* (ironicamente, apenas entre os signos do sistema, esquecendo-se daquelas entre os sujeitos que o articulam), *estrutura social*, *intercâmbio social*, e *valor social*, conceitos que a teoria semiótica de Peirce não enfatiza, mas que são fundamentais para o estudo da comunicação.

Portanto, enquanto a *semiótica* de Peirce se interessa pela *significação*, isto é, *como* sentidos e idéias são produzidos por associações contínuas de signos em *sujeitos singulares*, a *semiologia* de

Saussure está preocupada com regras e princípios formais de *comunicação*, isto é, com o *uso* e *troca* de signos feitos, correlações fixas significante-significado, organizados em classes paradigmáticas (o código) e articulados em cadeias sintagmáticas (a mensagem), entre *sujeitos ideais* de sociedades homogêneas. Conseqüentemente, enquanto que para Peirce o sentido é sempre o resultado de um processo de interpretação de um sujeito particular, portanto submetido a imprevistos e a prováveis desvios do senso comum, sejam eles erros ou inovações, para Saussure o sentido de um signo é sempre o mesmo e previsível, qualquer que seja o intérprete, pois é assumido como se fosse simplesmente um conceito compartilhado por todos, e *transportado*, quando se faz necessário comunicá-lo de uma mente a outra, por um significante-veículo correlato (essa correlação sendo reforçada ainda por signos auxiliares da mensagem).

Como Coward & Ellis (1987) observam, a noção saussureana de signo apresenta, entre outros, o seguinte problema para uma semiótica pragmática, retórica e materialista:

"Ao manter uma distinção rigorosa entre o significante e o significado, e ao equacionar o significado com o conceito, abre-se a possibilidade de pensar um conceito-significado em *si mesmo*, independente da linguagem, isto é, do sistema de significantes... Desta maneira, a distinção ou equilíbrio das noções 'significado' e 'significante' no signo alimenta a crença metafísica em uma reserva ou origem do sentido que seria sempre anterior e exterior à conti-

nua produtividade da significação." (COWARD & ELLIS, 1977, p. 123).

Harris (1987), por sua vez, observa que é notável quão ingenuamente Saussure aceitava os pressupostos sóciolinguísticos daquele período da história européia e da classe social a qual pertencia:

"O pensamento de Saussure foi influenciado pela tendência então dominante na Europa de assumir o ideal sóciopolítico 'uma nação: uma linguagem'. É esse ideal que a [semiologia] linguística de Saussure aceita sem questionar e generaliza para todas as comunidades." (HARRIS, 1987: 112).

A semiologia de Saussure, assim como as teorias estruturalistas que ela inspirou, reprimem o conflito, a ambigüidade, a heterogeneidade, a criatividade, a dinamicidade, a transformação e a subjetividade na linguística e na semiologia, a fim de poderem ter um objeto de estudo purificado, idealizado. Nesses modelos costumam então aparecer estruturas rígidas, formais e até matematizáveis para explicar a significação, e uma tendência recorrente de afirmar formas impessoais, genéricas e estereotipadas, que sistematicamente negam a intervenção da substância, da materialidade, da variabilidade, da história pessoal, do modo de produção - enfim, a intervenção do corpo do sujeito, em suas várias modalidades de expressão, no processo de significação.

Como observa Kristeva (1985, p. 214), a palavra *corpo*, e tudo mais que ela implica, é geralmente reprimida, mas acaba sempre retornando para assombrar as teorias de linguistas e semiólogos formalistas - através da matéria, da his-

tória, do sujeito e de suas práticas, que insistem que prestemos atenção a diferenças de gênero, classe, raça, linguagem, etc. Essa posição formalista, nota ela, também é compartilhada pela filosofia idealista, com seu descaso pelo papel socializante e histórico do simbólico, e por vários dogmatismos sociológicos, que suprimem a especificidade do simbólico e sua lógica, em sua ansiedade por reduzi-los a um determinante "externo". (KRISTEVA, 1985, p. 213). Para ela, isso é feito para continuar mantendo o mito da exatidão e "pureza" das chamadas "humanidades" e de seus discursos (KRISTEVA, 1986, p. 79), para fingir que tais disciplinas estão engajadas numa prática discursiva neutra e privilegiada, perseguindo "a verdade" desinteressadamente, como se nada tivessem a ver com disputas correntes por poder, status e hegemonia. Os textos informados por tais posições, portanto, se proclamam geralmente isentos de retórica e de ideologia, enquanto suas análises "objetivas" tentam explicar as ações de um genérico "homem universal" baseadas em noções idealizadas de uma suposta cultura ou sociedade coesa e homogênea, livre de contradições e interesses materiais específicos.

A construção do sujeito e de seu gênero através de discursos históricos conflitantes e, conseqüentemente, seus comportamentos contraditórios, seus interesses materiais divergentes, e seus desejos inconscientes, são então convenientemente ignorados por esses modelos semióticos, a fim de que possam afirmar sujeitos idealizados, dóceis seguidores de códigos, ritos, regras e convenções imaginados uniformes.

Peirce rejeitava relações diádicas simples e unívocas entre signos e sujeitos (que ele também considera signos). Todas as associações entre signos necessitam interpretação, mediação por outros signos. E não existe um sentido final, apenas habitual, para essas associações ou cadeias significantes. Para Peirce a verdade só pode ser aproximada indefinidamente e temporariamente, através de um constante encontro dialético (no sentido tradicional de diálogo) de noções, de posições,

ou *hipóteses* conflitantes que coabitam a mente do indivíduo. A atenção de Peirce à subjetividade e à materialidade na significação se observa claramente em suas classes de signos, que levam em consideração não

somente "signos [padrões] de pensamentos racionais" (*tipos, símbolos e argumentos*, que são determinados por convenções, regras e leis), mas também signos circunstanciais de coisas e eventos (*tokens, índices e proposições*, que são sugeridos pela experiência factual, histórica, pessoal do sujeito) e signos subjetivos de sentimentos e emoções (*tons, ícones e termos*, que resultam de afetos e sensações do sujeito).

Assim, segundo a semiótica de Peirce, o pensar é um *processo constante* de significar o mundo, que envolve não só a dimensão convencional, racional do sujeito, mas também suas dimensões experienciais e emocionais. Por isso, ele afirma que é impossível afirmar-se o desfecho de qualquer situação prática

com certeza matemática. E, contrariando Descartes e seus seguidores, ele também afirmava que especulações teóricas deveriam ser sempre amparadas em hipóteses prováveis, resultantes de experiências e observações, em vez de baseadas em definições dogmáticas e apriorísticas.

Contudo, Peirce pensava que a reflexão dialógica e métodos lógico-probabilísticos, por si só, seriam suficientes para a tarefa de explicar a realidade, sem levar em conta fatores sociais, sexuais, econômicos e políticos no sentir, agir e argumentar do sujeito. Ele tentou levar em conta a atuação de tais estruturas subconscientes através das noções de *hábito* e *crença*, mas apenas ao

nível do indivíduo, e em termos de condicionamentos genéricos que poderiam ser finalmente superados pela força de vontade do sujeito apenas, esquecendo mudanças externas que o sujeito poderia promover, assim como a ação dessas sobre seu próprio comportamento.

Peirce estava principalmente interessado na produção subjetiva e plural de sentidos para um dado estímulo sensível, pois era um filósofo e um cientista multidisciplinar (interessado em química, física, matemática, astronomia) e, portanto, altamente motivado a descobrir quais os caminhos lógicos e processos mentais através dos quais o indivíduo descobre ou produz sua realidade através dos mais diversos tipos de signos, expli-

Todas as associações entre signos necessitam interpretação, mediação por outros signos

cando fenômenos similares recorrentes para uma comunidade de indivíduos semelhantes entre si, de uma maneira convincente, persuasiva. Para Saussure, por outro lado, o que contava era explicar como conceitos usuais, consensuais, eram comunicados e trocados socialmente através de sistemas de signos e a sujeição inevitável dos indivíduos a essas estruturas e às suas leis, e às regras básicas de seu funcionamento.

Podemos dizer que ambos pontos de vista oferecem *insights* relevantes para modelos semióticos contemporâneos: enquanto o modelo de Peirce é mais apropriado para o estudo e entendimento do papel do sujeito na *produção* da significação, o de Saussure nos ajuda a entender melhor a função dos signos nas culturas e como eles atuam através das representações na formação dos sujeitos de grupos sociais em *intercâmbio*.

Coward & Ellis (1977), enfatizando a necessidade de uma radical revisão das teorias semiológicas e estruturalistas vigentes, mas ainda ignorando as possibilidades abertas pela semiótica de

Peirce (que oferecem um contraponto dialético para a semiologia saussureana muito produtivo, como vimos), assim resumiram a questão fundamental a ser enfrentada por toda e qualquer futura teoria semiótica:

"... a semiologia se baseou originalmente naquilo que Barthes chamou, em 1971, 'um sonho eufórico de cientificidade...' o que bem descreve o projeto estruturalista de postular modelos da sistematicidade de cada sistema, tal que qualquer possível enunciação (mas não enunciações impossíveis) poderiam ser preditas pela operação do modelo. Este é o requisito básico da ciência, que seja capaz de predizer. Contudo, essa cientificidade só pode operar com sistemas monológicos, ao passo que sistemas sociais são compostos de diversas práticas cujas relações umas com as outras, e mútua influência, estão num constante estado de mutação. A semiologia que não levar em conta esse processo... Inevitavelmente declinará num formalismo estéril, resumindo-se a elaborar modelos que só serão relevantes para um mundo estático." (COWARD & ELLIS, 1977, p. 25-26).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COWARD, R.; ELLIS, J. *Language and materialism: developments in semiology and the theory of the subject*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Encyclopedic dictionary of the sciences of language*. Translated by Catherine Porter. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973-1979. Published in 1973 as *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Éditions du Seuil.
- HARRIS, R. *The language machine*. London: Duckworth, 1987.
- JAKOBSON, R. Coup d'oeil sur le développement de la sémiotique. In: CONGRESS OF THE INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR SEMIOTIC STUDIES. A Semiotic Landscape (1: 1974: Milan) *Proceedings...* Approaches to semiotics n.29, The Hague: Mouton, p.3-18.
- KRISTEVA, J. The speaking subject. In: _____. *On Signs*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1975. p.210-220.
- _____. *The Kristeva Reader*. London: Basil Blackwell, 1986.
- PEIRCE, C. S. *Philosophical writings of Peirce*. Selected and edited with an introduction by Justus Buchler. New York: Dover, 1940-1955. First published in 1940 as *The Philosophy of Peirce: selected writings*. London: Routledge & Kegan Paul.
- _____. *Charles S. Peirce: selected writings*. Edited with an introduction and notes by Philip P. Wiener. New York: Dover, 1958-1966. First published in 1958 as *Values in a Universe of Chance*.
- SAUSSURE, F. de. *Course in general linguistics*. Ed. by C. Bally and A. Sechehaye with A. Reidlinger, translated by W. Baskin, rev. ed. London: Fontana/Collins, 1916-1974. First published in 1916 as *Cours de linguistique générale*, Geneva.
- SILVERMAN, K. *The subject of semiotics*. Oxford: Oxford University Press, 1983.